

Multidão e movimentos de resistência em rede: o caso #ContraoAumento em Teresina

Tathiana Senne Chicarino¹

Clarissa Matos Poty²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma cartografia do movimento #contraoaumento em Teresina, mobilização que reuniu estudantes universitários e secundaristas contra o aumento da passagem de ônibus na capital do Piauí, no ano de 2011, tanto em sua dinâmica online, quanto offline. Na esteira das reflexões sobre os movimentos de resistência vistos mundo afora trabalharemos o #contraoaumento tendo como base o conceito de movimento social multitudinário como uma singularidade formada em identidade coletiva e que emerge no paradigma da sociedade em rede. Para compreender esse fenômeno político estruturamos nossa análise nos eixos: Liderança; Internet e Mobilização em Rede. A partir de extenso levantamento empírico constatamos que a singularidade operativa presente na luta contra o encarecimento das passagens em Teresina aponta para um caráter transitório do próprio movimento combinando traços dos movimentos sociais da era industrial a características dos movimentos multitudinários, horizontalizados e em rede, tal como se estruturam na atualidade, nos proporcionando um importante campo de investigação no plano sincrônico e diacrônico das disputas entre poder e contrapoder.

Palavras-chaves: #Contraoaumento. Rede. Multidão. Teresina.

¹ Tathiana Senne Chicarino/tschicarino@gmail.com / Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC/SP. Pesquisadora NEAMP/PUC e do Grupo de pesquisa 'Comunicação e Sociedade do Espetáculo' da Casper Líbero. Professora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Bolsista FAPESP.

² Clarissa Matos Poty/clarissapoty@gmail.com/ Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Federal do Piauí, pós-graduada em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais pelo Senac - SP e em Sociopsicologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Pós-graduada em Sociopsicologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP.

Abstract: This paper aims to present a cartography of the movement #contraoamento in Teresina, the mobilization that brought together university students and secondary students against the bus fare increase in the capital of Piauí, in 2011, both in its online and offline dynamics. Together with other resistance movements seen throughout the world, #contraoamento is based on the concept of multitudinous movements as a singularity formed in collective identity and emerging in the network society paradigm. In order to understand this political phenomenon, we have structured our analysis in the axes: Leadership; Internet and Network Mobilization. From an extensive empirical research we find that the operative singularity present in the struggle against the bus fare increase in Teresina points to a transitory character of the movement itself, combining traits of the social movements of the industrial era with characteristics of multitudinous movements, organized on horizontal networks, structured in the present, giving us an important field of investigation in the synchronic and diachronic plan of the disputes between power and counterpower.

8

Key Words: #Contraoamento. Network. Multitude. Teresina.

Introdução

Mobilizações contra o aumento da passagem de ônibus alcançaram repercussões locais inesperadas em Teresina, capital do Piauí, no ano de 2011. Impulsionados pelos sites de redes sociais, especialmente o Twitter e o Facebook, com convocações descentralizadas e sem lideranças definidas, milhares de pessoas pararam o trânsito da cidade por cinco dias seguidos até conseguirem reverter o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus que havia sido decretado pela prefeitura. Durante o período de mobilizações, realizadas majoritariamente por estudantes universitários e secundaristas, as principais avenidas da cidade de 800 mil habitantes ficaram bloqueadas para os carros e houve a saída de circulação de todos os ônibus que atendiam a capital, deixando a população de mais de 250 mil usuários, por algumas horas, sem transporte público. O movimento até hoje é identificado por meio das hashtags #ContraoAumento e #AumentoNaoTHE.

Neste trabalho, nos propomos a apresentar a dinâmica da mobilização em Teresina e sua conexão com os conceitos e análises sobre a estruturação dos movimentos de resistência em rede na sociedade da informação, especialmente a partir das perspectivas de Castells e da abordagem de Hardt e Negri sobre movimentos multitudinários. A análise qualitativa é realizada utilizando-se a pesquisa bibliográfica, as informações colhidas da cobertura midiática realizada em veículos locais e nacionais³ durante a mobilização, ocorrida em agosto/setembro de 2011, e entrevistas com os manifestantes⁴, a partir de um roteiro de perguntas estruturado sobre três eixos: Liderança, Internet e Mobilização em rede. No caso das entrevistas aqui realizadas o objetivo é reunir o máximo de memórias e experiências dos participantes sobre os cinco dias de manifestações contra o aumento da passagem realizadas em 2011 e desta forma compor uma narrativa capaz de cartografar o movimento. O trabalho demonstra-se relevante uma vez que há poucos registros sobre esta mobilização, que ocorreu em uma cidade de porte médio do nordeste brasileiro, mas que guarda relevantes correspondências e similaridades com a emergência de outros movimentos que tiveram forte impacto nos rumos políticos do país, especialmente as Jornadas de Junho de 2013.

³ Para esta pesquisa, foram consultadas matérias veiculadas na mídia piauiense e nacional sobre o movimento #contraoaumento em Teresina. Os veículos locais foram: Portal Cidade Verde, Portal O Dia e Portal AZ. Os veículos nacionais foram os portais Uol e G1.

⁴ Os entrevistados foram entrevistados online. Três eram estudantes da Universidade Federal do Piauí à época da mobilização e uma era estudante secundarista. Eles estão identificados apenas pelo primeiro nome ao longo deste trabalho.

A amostragem de 4 entrevistados utilizada na pesquisa foi definida por meio da técnica bola de neve, método não probabilístico que utiliza uma abordagem em cadeia, na qual um entrevistado indica outro participante das manifestações para a entrevista subsequente. A aplicação da técnica da bola de neve pede a identificação de sementes, são os informantes-chaves que vão possibilitar a identificação de pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dando o pontapé inicial para a criação da cadeia de entrevistados. No caso da pesquisa em tela, a semente foi um dos administradores da página no Facebook “Contra o aumento da passagem em Teresina⁵”. A página tem como publicação inaugural a replicação da convocatória para o primeiro ato contra o aumento da passagem em Teresina, realizado em 29 de agosto de 2011.

Movimentos sociais na sociedade em rede

Presenciamos um cenário de rápidas mudanças incentivadas por uma completa transformação de costumes provocada pelo advento de novas ferramentas digitais. O fim do século XX marca o despertar de uma nova revolução que viria a transformar todos os domínios da experiência humana neste planeta. Como afirma Castells (1999), o novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação, com avanços progressivos na área de microeletrônica, computação, telecomunicações e radiodifusão e até da engenharia genética, revolucionou nosso modo de interagir e conviver. Estamos, de acordo com o autor, presenciando um momento histórico da mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, com uma transformação nas bases materiais da nossa economia, sociedade e cultura.

Vivemos no que Castells (1999) chama de Sociedade da Informação, em que o surgimento da comunicação mediada por computador traz mudanças comportamentais e produtivos que influenciam todas as nossas esferas de interação, incluindo relações afetivas, econômicas e de trabalho. Por outro viés, mas que reforça essa compreensão, Hardt e Negri (2005) afirmam que nas últimas décadas do século XX o trabalho industrial perde sua hegemonia para o trabalho imaterial, entendendo o conceito de trabalho imaterial como aquele que cria produtos imateriais, tais como o conhecimento, a informação, a comunicação, uma

⁵ <https://www.facebook.com/contraoaumento/>

relação ou uma relação emocional. No chamado pós-fordismo, performatividade, comunicação e colaboração são características centrais do trabalho.

Esta mudança de paradigma vai alterar muita coisa no mundo. Por exemplo, se durante a hegemonia industrial a entrega de um produto material era o que importava, caso de um carro, o trabalho era realizado em uma jornada específica, no período destinado ao esforço dentro da fábrica, onde estavam os equipamentos para essa produção. Já quando o trabalho é imaterial, temos uma divisão cada vez mais indefinida entre horário de trabalho e tempo de lazer. Afinal, uma boa ideia pode surgir a qualquer momento, muitas vezes fora do escritório ou da fábrica. Em outra perspectiva, o trabalho imaterial passa a envolver não a criação de meios de vida – um veículo, um eletrodoméstico – mas a própria vida social, na forma de ideias e afetos.

O trabalho imaterial encontra-se hoje na mesma posição em que estava o trabalho industrial há 150 anos, quando respondia apenas por uma pequena fração da produção global e se concentrava numa pequena parte do mundo, mas exercia hegemonia sobre todas as outras formas de produção. Assim como naquela fase todas as formas de trabalho e a própria sociedade tinham de se industrializar, hoje o trabalho e a sociedade têm de se informatizar, tornar-se inteligentes, comunicativos e afetivos. (HARDT e NEGRI, 2005, p. 151)

Durante sua hegemonia, os ritmos do trabalho industrial foram influenciando e transformando todas as outras instituições, como a família, a escola e as Forças Armadas. Faz sentido, pois, que os movimentos sociais que surgiam para resistir às arbitrariedades do modelo hegemônico industrial também se moldassem a ele, entendendo que os tipos de movimentos sociais evoluem em coordenação com a evolução das formas econômicas. Sindicatos e outras entidades organizadas da chamada classe operária surgiram para fazer frente às fábricas, instalados em espaços físicos e com estruturas hierarquizadas similares a estas.

Compreensível então que, diante de um novo cenário, os movimentos de resistência também se transformem. Para Castells (2003), mais do que um instrumento, a Internet é um componente indispensável do tipo de movimento social que emerge na Era da Informação. Se as fábricas foram fundamentais para a organização do movimento operário que marcou a Era Industrial, a Internet é fundamental para o movimento social do nosso tempo. O autor vai estabelecer algumas características desses movimentos sociais que surgem na Era da

Informação: em primeiro lugar, eles são essencialmente mobilizados em torno de valores culturais. Abraçam a luta para mudar os códigos de significados nas instituições e na prática da sociedade, defendendo ou propondo modos específicos de vida. O segundo traço destacado por Castells (2003) como característica dos movimentos sociais do nosso tempo é que eles precisam preencher o vazio deixado pela crise das organizações herdadas da Era Industrial. De acordo com o teórico, nós vivemos uma crise de legitimidade de partidos políticos, sindicatos, entidades da sociedade civil organizada e do próprio Estado. Afundados em escândalos, os partidos políticos foram reduzidos a lideranças personalizadas e induzidos a práticas ilícitas para obtenção de fundos para suas campanhas, perdendo a confiança do público. Perdidos em meio à burocracia e estrutura replicadas das grandes corporações, os sindicatos sofrem com a imobilidade e a desconfiança dos cidadãos. As associações cívicas formais também se mostram em franco declínio. Sem atratividade para a conquista de novos adeptos, perdem força como instrumentos de engajamento social. Temos ainda a crise do próprio Estado-nação, que perdeu boa parte do seu poder, diante de um cenário dominado por fluxos globais, redes de riqueza, informação e poder transorganizacionais. Neste cenário, as organizações formais, estruturadas e permanentes estão sendo substituídas por coalizões frouxas e mobilizações semiespontâneas.

Movimentos emocionais, muitas vezes desencadeados por um evento de mídia, ou por uma crise de vulto, parecem muitas vezes ser fontes mais importantes de mudança social que a rotina diária de ONGs zelosas. A Internet torna-se um meio essencial de expressão e organização para esses tipos de manifestação, que coincidem numa dada hora e espaço, provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações (empresas, por exemplo) por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública. Esses movimentos pretendem conquistar poder sobre a mente, não sobre o Estado. (CASTELLS, 2003, pg. 117, grifo nosso)

O terceiro traço destacado por Castells (2003) como traço dos movimentos sociais que emergem na Era da Informação está na busca dessas mobilizações pela obtenção de um caráter global. Diante de um cenário em que o poder funciona em redes globais, movimentos que querem gerar transformação social precisam pensar localmente e agir globalmente.

Já segundo Hardt e Negri (2005), os novos movimentos que emergem no período pós-fordista não só vão utilizar a Internet como ferramenta para sua

organização, mas adotar essa tecnologia como modelo na forma como se estruturam. Redes de informação, comunicação e cooperação, que são eixos fundamentais da produção pós-fordista, começam a definir novos movimentos. É o caso seminal do movimento anti-globalização que realizou protestos em Seattle, em 1999, no episódio conhecido como “a batalha de Seattle”. Naquela ocasião, manifestantes com objetivos e orientações políticas distintas atuaram conjuntamente para barrar a realização de uma reunião da Organização Mundial do Comércio na cidade. Grupos de ambientalistas, anarquistas, sindicalistas, religiosos e gays não atuaram unidos sob qualquer autoridade específica, estabelecendo uma relação estruturada em rede que conseguiu chamar a atenção e impedir o encontro entre líderes de todo o mundo.

Acreditam, Hardt e Negri (2005), que a resistência ao modelo de exploração imposto pela hegemonia do trabalho imaterial será promovida por uma classe chamada multidão, que se torna viável graças ao contexto criado pelo próprio trabalho imaterial. Uma resistência que se organiza em rede, como a produção pós-fordista, e tem como valores fundamentais a criatividade, a comunicação e a cooperação auto-organizada. Hardt e Negri entendem a multidão como um novo sujeito histórico. Se na era industrial a classe operária se apresentava como o agente revolucionário, na sociedade pós-fordista a multidão surge como agente de resistência, abrangendo a multiplicidade de indivíduos que compõem a nova economia global para além da dicotomia entre trabalhadores assalariados e proprietários dos meios de produção. A multidão não se confunde com o povo nem com as massas. Só há um povo quando há a unificação de singularidades em uma identidade coletiva, que nega ou aparta as diferenças. Já no conceito de massas, o que há é a dissolução completa do conjunto de singularidades. As massas são compostas por todos os tipos e espécies, mas não é possível apontar quais, entre os diversos sujeitos sociais, formam as massas, pois sua essência é a indiferença. Segundo os autores, todas as cores das massas reduzem-se ao cinza. É o oposto do que ocorre na multidão, também composta por um conjunto de singularidades, mas que são reconhecidas em suas diferenças. Na multidão, as diferenças se mantêm diferentes, são multicoloridas, cores que se encontram na busca por um propósito comum.

A multidão de Hardt e Negri (2005) se expressa na multiplicidade de pessoas que mantêm suas individualidades preservadas enquanto atuam em

cooperação na busca por um propósito comum. Carregam consigo a semente da promoção e ampliação da democracia participativa aspirando a uma democracia real. Este modelo, fundamentado na pluralidade dos integrantes, inviabiliza a redução dessa resistência a uma estrutura de comando centralizada. São movimentos horizontalizados, sem liderança definida e que ultrapassam as fronteiras nacionais, propiciando o compartilhamento de informação, conhecimentos e afetos capazes de potencializar suas ações.

Para Hardt e Negri (2011) os movimentos multitudinários se concretizam, por exemplo, nas mobilizações contra o governo Mubarak na Praça *Tabir*, no Egito, ou nos acampamentos do *Podemos* em Madri e Barcelona, assim como no *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos. São movimentos com motivações e singularidades muito específicas, mas todos de certa forma reuniram seus manifestantes em torno de um sentimento comum de insatisfação contra o sistema político e representativo – anseiam por democracia real - e se organizaram por meio de assembleias e estruturas participativas para construir e tomar decisões. Os autores destacam que, nestes contextos, mídias sociais como Facebook e Twitter, muito utilizados nesses acampamentos ao redor do mundo e nas convocatórias para mobilizações, não são apenas ferramentas empregadas pelos manifestantes em suas ações, representam na verdade as estruturas em rede dos experimentos horizontais e democráticos dos próprios movimentos. “O Twitter é útil, não porque divulga eventos, mas porque reúne as ideias de uma grande assembleia, para uma específica decisão, em tempo real.”⁶

O uso das redes serve para fins de articulação política e como estratégia de visibilidade frente a um sistema político que muitas vezes é impermeável à participação cidadã e à abertura de canais nos processos decisórios, mas como ressaltam os autores, essa política não se faz apenas na rede, mas em uma nova morfologia em rede capaz de gerar práticas coletivas no espaço de autonomia – um híbrido de cibernética e espaço urbano (CASTELLS, 2013).

A força transformadora oriunda dessa nova lógica põe-se a desafiar a ordem institucional-disciplinar ao convergir a autodeterminação dos envolvidos; a pluralidade em sintonia com a agregação; e a capacidade técnica (GOHN, 2015) em torno de uma subjetividade operativa. Foi o que ocorreu no Brasil, no ano de

⁶ Hardt e Negri. Por que precisamos de outra democracia? 2011. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniaio/17367/por+que+precisamos+de+outra+democracia.shtml>

2013, com as Jornadas de Junho, que transformaram o panorama político nacional, resultaram em uma queda vertiginosa na popularidade da então Presidente Dilma Rousseff e em várias repercussões políticas sentidas até a atualidade. O movimento, com pautas diversas, horizontalizado, sem lideranças específicas, eclodiu pelas ruas do país como desdobramento de uma mobilização que tinha, a princípio, a pauta de barrar o aumento de 20 centavos no custo da passagem no transporte público da cidade de São Paulo. Após a enorme repercussão da forte repressão policial a um dos atos convocados pelo Movimento Passe Livre (MPL), multiplicou-se o número de pessoas nas manifestações seguintes, não só em São Paulo como em outras capitais do país, com a gradual diversificação das pautas, que passaram a tratar não só sobre transporte, mas aspectos mais amplos, como o modelo de democracia, de comunicação e de representação no país.

□ #ContraoAumento em Teresina

No escopo da emergente revolução rizomática como Castells (2013) definiu a partir da metáfora do rizoma, sendo ele o talo de uma planta horizontal, descentralizada e potencialmente espreada, que compreendemos as Jornadas de Junho de 2013 e outras que a antecederam, como as mobilizações contra o aumento em Teresina.

Sua eclosão ocorreu em 26 de agosto de 2011, momento em que foi divulgado o decreto assinado pelo prefeito Elmano Ferrer, à época filiado ao PTB, que definia a alteração no valor da passagem dos ônibus coletivos urbanos— de R\$ 1,90 para R\$ 2,10. A mudança já passou a valer à meia-noite do sábado, dia 27 de agosto, sem qualquer aviso anterior, pegando a população de surpresa⁷. Elmano Ferrer, que havia sido eleito como vice-prefeito em 2008, tinha assumido há pouco mais de um ano, em 2010, o comando da cidade depois que o prefeito eleito, Silvio Mendes, do PSDB, renunciou para concorrer ao Governo do Estado, pleito em que saiu derrotado.

Desde que assumiu, o prefeito Elmano enfrentou problemas com o tema do reajuste da passagem de ônibus. Em 2010, o aumento anual, de R\$1,75 para R\$1,90, já havia sido suspenso em decisão liminar do Tribunal de Justiça do Piauí, em resposta a uma ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público do Estado

⁷ Manifestantes prometem parar a Avenida Frei Serafim. Disponível em: <http://www.portalodia.com/noticias/piaui/manifestante-prometem-parar-a-avenida-frei-serafim-em-protesto-contrao-aumento-da-passagem-117123.html>

do Piauí, que questionava o equilíbrio econômico-financeiro do contrato entre o município de Teresina e as concessionárias do serviço de transporte público, representadas pelo Sindicato de Transportes Urbanos de Passageiros de Teresina, o SETUT. A prefeitura recorreu e, naquela ocasião, conseguiu manter o reajuste, mas seguiu sendo questionada pelo Ministério Público sobre os reais custos do transporte público na capital piauiense.

Em 25 de abril de 2011, alguns meses antes das mobilizações que parariam a cidade, o Ministério Público do Estado do Piauí chegou a recomendar formalmente que o Prefeito Municipal de Teresina descartasse a planilha de custos utilizada pela Secretaria dos Transportes para realizar o cálculo da tarifa dos ônibus coletivos. A suspeita era de que os empresários estariam lucrando muito mais com a prestação do serviço de transporte público do que as planilhas demonstravam.

A ausência de transparência na planilha de gastos com os ônibus e na relação entre a Prefeitura Municipal e o SETUT era um assunto em destaque na mídia local naquele ano de 2011. Mas, além disso, o transporte público em Teresina já era alvo de muitas outras críticas da população. O fato de não dispor de qualquer sistema de integração entre as linhas, o que obrigava muitos passageiros a pagarem duas passagens para cumprir percursos relativamente curtos; a ausência de infraestrutura nos pontos de ônibus e de ar condicionado nos coletivos, em uma cidade que facilmente alcança os 40° de temperatura; a superlotação dos veículos, com intervalos que rotineiramente alcançavam uma hora entre um ônibus e outro, se acumulavam entre as insatisfações dos usuários do serviço, como é demonstrado nos depoimentos de manifestantes que participaram do #contraoamento e foram entrevistados para esta pesquisa.

Antes eu estudava no centro e pegava ônibus tipo Redenção e Três Andares, aqui é uma região de periferia, os ônibus sempre foram sucateados e demorados para passar. O Universidade Circular, que comecei a pegar quando entrei na UFPI, é a mesma coisa. Não tem como dar uma avaliação simples que não seja dizer que era péssimo. Que é péssimo também até hoje. (Agostinho, 2017)

Diante do aumento surpresa da passagem promovido pela Prefeitura, em um sábado, alguns grupos que já discutiam a questão do transporte público utilizaram o fim de semana para estruturar uma mobilização para a segunda-feira, dia 29 de agosto de 2011, contra o reajuste. A princípio, o movimento de resistência ao aumento da passagem em Teresina segue um *modus operandi* similar

ao de manifestações realizadas no passado, no contexto da chamada era industrial. Foi convocado por entidades estruturadas da sociedade civil e, no entanto, desde o começo já recorre às ferramentas proporcionadas pela comunicação mediada por computador. O primeiro ato foi convocado pelo Fórum Estadual em Defesa do Transporte Público⁸, organização composta por entidades como sindicatos, partidos políticos com alinhamento à esquerda, como PSOL, PSTU e PCB e associações estudantis, entre outras. O Fórum tinha um histórico de mobilizações em defesa do transporte público de Teresina, mas sem conseguir atrair um contingente significativo de pessoas para as suas manifestações. A entidade fez uma convocação oficial para a primeira mobilização em texto divulgado em seu blog⁹, mas, no paralelo, manifestantes independentes também se organizaram em torno do ato, com a criação de eventos no Facebook e de uma página, intitulada “Contra o aumento da passagem em Teresina”, que, em abril de 2017, ainda permanece no ar.

Havia o Fórum em defesa do transporte público, não recorro se é este mesmo o nome [...] Esse fórum já discutia a questão há semanas, e antes mesmo do prefeito decretar o aumento, já havia uma manifestação marcada para a quinta-feira seguinte. Não lembro se era do fórum ou de algum partido, mas já estava marcada. Aí o prefeito decretou aumento na sexta, e no final de semana muita gente na internet se mobilizou para começar as manifestações na segunda. Meu amigo Flávio Augusto falou comigo de criarmos uma página para divulgar os atos, e criei com ele a Contra o Aumento”. (Jônatas, 2017)

Na manhã de segunda-feira, 29 de agosto de 2011, a manifestação iniciou-se com a presença de independentes, curiosos e pessoas vinculadas ao Fórum Estadual em Defesa do Transporte Público. Eram principalmente, mas não somente, estudantes ligados a entidades como o Diretório Acadêmico da Universidade Federal do Piauí e da Universidade Estadual do Piauí e representantes das juventudes de partidos políticos. Após uma passeata até o prédio da prefeitura, os participantes vinculados ao Fórum, que convocaram a mobilização,

⁸ Lista de entidades que compõem o Fórum em Defesa do Transporte Público. Disponível em : <http://chegadaumentopi.blogspot.com.br/p/entidades.html>

⁹ Post de convocação para o primeiro ato do movimento que ficou conhecido como #contraoaumento, em Teresina, no blog do Fórum em Defesa do Transporte Público. Disponível em: <http://chegadaumentopi.blogspot.com.br/2011/08/ato-contra-aumento-da-passagem-amanha.html>

se dispersaram, encerrando o ato, mas parte do grupo, formada principalmente por estudantes universitários, decidiu seguir a pé com a mobilização até a sede do SETUT, o Sindicato das Empresas de Transporte Urbano, e, na sequência, de volta à Frei Serafim, principal avenida da cidade, que divide o centro de Teresina ao meio.

No primeiro dia, por exemplo, o Fórum marcou uma caminhada da Frei Serafim até a Prefeitura, quando deu por volta de 11h chegamos na prefeitura e o carro de som desses grupos tradicionais falou que ia dispersar. A maioria das pessoas que estavam presentes no ato ficaram indignadas com isso, qual o sentido de ir até a prefeitura só para falar um monte de coisa pra ninguém e ir embora? Era esse o motivo pelo qual as pessoas nem gostam de participar de atos dessas entidades de esquerda, elas geralmente são inofensivas demais para representar a indignação da juventude. Foi então que uma pessoa pediu a voz no carro de som e gritou que quem não concordava com o fim da manifestação naquele lugar, se dirigisse ao SETUT, e foi aí que de fato começou o #contraoamento que conhecemos. (Agostinho, 2017)

A tática dos manifestantes que decidiram dar continuidade ao ato na Avenida Frei Serafim consistiu em sentar no chão, no meio da via, impedindo o fluxo de carros e dos ônibus, que transitam continuamente por aquele caminho, majoritariamente com o objetivo de chegar à ponte Juscelino Kubitschek, principal ponto de acesso de quem está no Centro - onde se concentra o polo de comércio, serviços e saúde da cidade - e deseja chegar à Zona Leste, área nobre onde a população de maior renda vive. A capital do Piauí é cortada ao meio pelo rio Poti e seis pontes proporcionam a passagem de um lado ao outro da cidade, a Juscelino Kubitschek é a mais central e a mais utilizada.

A tropa de choque da Polícia Militar foi acionada para retirar os manifestantes da avenida Frei Serafim e desbloquear a rua. Utilizando balas de borracha e spray de pimenta, a polícia avançou sobre os estudantes, que estavam em número reduzido, na tentativa de impedir o prosseguimento do ato. O grupo insistiu e, sempre que era dispersado, se concentrava novamente em outro ponto da avenida. Naquele dia, o ato teve duração de dez horas. Seis manifestantes, entre eles dois menores de idade, foram detidos.¹⁰ Ainda naquela noite e no dia

¹⁰ Manifestações contra o aumento da passagem de ônibus em Teresina duraram 10 horas no primeiro dia. Disponível em: www.portalaz.com.br/noticias/cidades/226311_protestos_contra_aumento_da_passagem_de_onibus_duram_10_horas

seguinte, as imagens da ação da polícia viralizaram nos sites de redes sociais, com imagens de estudantes sentados enfrentando balas e sprays sem revidar. As cenas causaram comoção nos sites de redes sociais, o que repercutiria na concentração de um número muito maior de pessoas no ato do dia seguinte.

Neste aspecto, é válido destacar que a tática de desobediência civil engendra uma nova gramática no repertório de ação coletiva (GOHN, 2015), que nesse caso tem o espaço de autonomia como *lócus* a fomentar um companheirismo que não tem uma comunidade anterior como referência, mas que se faz ao longo do processo de descoberta de denominadores – valores e objetivos – em comum (CASTELLS, 2013).

A internet foi importante para conseguir juntar gente. É meio que aquela coisa do viral, no primeiro dia, na tarde, nós fomos atacados por um pequeno destacamento da Tropa de Choque. Algumas pessoas foram fotografadas sendo imobilizadas covardemente e também recebendo spray de pimenta na cara sem necessidade. Essas imagens é que foram importantes a princípio. A internet fez com que circulassem em toda a cidade e muita gente ficou indignada, engrossando os atos seguintes. (Agostinho, 2017)

O depoimento do entrevistado dialoga com a compreensão de Castells (2013) sobre a gênese dos movimentos sociais que emergem na era da informação. O autor destaca que são movimentos espontâneos, geralmente desencadeados por uma centelha de indignação, que podem estar relacionados a um evento específico ou a um acesso de aversão pelas ações dos governantes como um todo. No caso de Teresina, as imagens dos estudantes apanhando de policiais despertou a centelha de indignação, mas só foi possível que as cenas ganhassem tal notoriedade em razão dos sites de redes sociais que possibilitaram essa difusão. Os manifestantes apontam que a mídia tradicional, a princípio, se colocou contrária ao movimento contra o aumento da passagem e foi por meio da Internet que outro ponto de vista pôde ser apresentado para a população.

Foi a primeira vez que eu pude perceber como as redes sociais poderiam ser um contraponto a imprensa comum, que para nós sempre tem um papel conservador e de ser um verdadeiro veículo das autoridades constituídas. Então ela teve o papel de realmente mostrar pros outros nosso ponto de vista, nossas experiências sem nenhuma intermediação de outro órgão ou empresa. Claro que essa visão inocente com o tempo foi se apagando, mas naquele momento

era como se eu pudesse mostrar para os outros o que realmente acontecia, principalmente a questão da violência policial. (Sthênio, 2017)

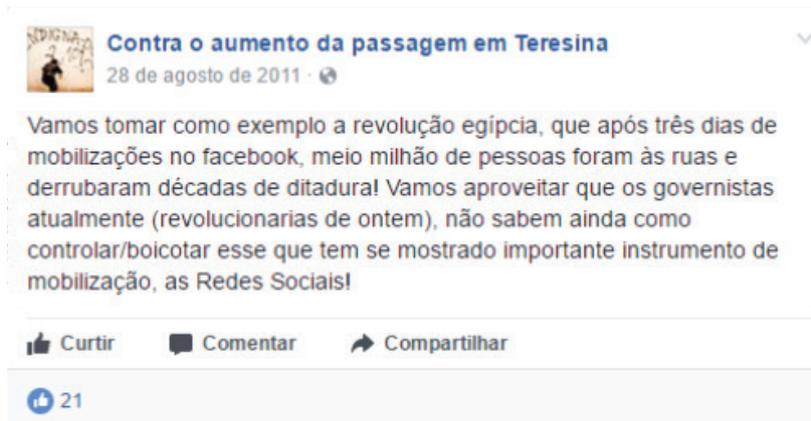
A repercussão da ação da polícia em Teresina, no primeiro dia de mobilização, alçou a *hashtag* #contraoamento para os *trending topics* do Twitter no Brasil durante toda a terça-feira, dia 30 de agosto de 2011, de forma orgânica, sem impulsionamento.¹¹ Importante neste ponto destacar que a mesma *hashtag* já havia sido utilizada em mobilizações anteriores contra o aumento da passagem de ônibus em diversas cidades brasileiras, ganhando especial notoriedade em *twittaços*¹² promovidos pelo Movimento Passe Livre (MPL) em janeiro daquele mesmo 2011. Aqui, convém destacar a proposição de Castells (2013) sobre o caráter viral das mobilizações que se estruturam na sociedade em rede.

Os movimentos são virais, seguindo a lógica das redes da internet. Isso se dá não apenas pelo caráter viral da difusão das mensagens em si, particularmente das imagens de mobilização, mas em função do efeito demonstração de movimentos que brotam por toda parte. Temos observado essa capacidade viral, de um país para outro, de uma cidade para outra, de uma instituição para outra. Ver e ouvir protestos em algum outro lugar, mesmo que em contextos distantes e culturas diferentes, inspira a mobilização, porque desencadeia a esperança da possibilidade de mudança. (Castells, 2013, pág. 131)

Ainda sobre esta construção de Castells é válido pontuar que os próprios manifestantes teresinenses, em vídeos, faixas e *tweets*, faziam referência à mobilizações àquela época recentes no Egito, que também tiveram sua organização promovida por meio de redes sociais.

¹¹ Assuntos do dia 30 de agosto de 2011 no Twitter do Brasil. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/08/assuntos-do-dia-no-twitter-terca-feira-3082011.html>

¹² Twittaço do MPL com a hashtag #contraoamento reuniu manifestantes de São Paulo, Florianópolis, Espírito Santo, Curitiba, Recife e Salvador. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ativistas-prometem-terceira-manifestacao-contra-aumento-de-onibus-em-sp-para-esta-5-c2-aa>



Fonte: Twitter, 28 de agosto de 2011.

Dentro desse processo disruptivo, a multidão aciona narrativas colaborativas que, “mais que difundir as lutas, são a própria luta” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 16) e que se materializam em uma nova linguagem – *hashtag* – um recurso de troca de informação e de organização tática potencialmente viral.

A partir do segundo dia de mobilizações, as definições sobre as vias que seriam bloqueadas em cada momento do dia, os avisos sobre deslocamento das tropas da polícia e novos planos de ação eram comunicados em tempo real pelos manifestantes por meio de celulares, utilizando as *hashtags* #contraoaumento e #aumentonaoTHE. A troca de informações ocorria, principalmente, pelo Twitter, enquanto que os eventos e páginas do Facebook ajudavam a reunir pessoas que apoiavam a causa e no debate sobre os próximos passos.

Impulsionados pelas redes sociais, os atos do segundo dia de mobilização em Teresina foram maiores, com mais pessoas e com a clara percepção de que já não havia uma liderança dos protestos. O segundo dia teve o Fórum em Defesa do Transporte Público perdendo o protagonismo na convocação das manifestações que passaram a ocorrer de forma espontânea com ações organizadas pelas redes sociais, conforme aponta um dos manifestantes entrevistados:

Na minha opinião era algo mais anárquico mesmo, principalmente porque muito da mobilização era feita na internet, e às vezes nem o próprio movimento se decidia sobre o rumo a tomar, como no caso do primeiro dia em que alguns manifestantes queriam encerrar o protesto na prefeitura e outros partiram para o SETUT. Havia quem só queria andar na avenida, quem queria partir para algo mais direto, então era muita coisa decidida na hora, sem lideranças definidas. (Jônatas, 2017)

No segundo dia, os manifestantes seguiram bloqueando a Avenida Frei Serafim e, sempre que o fluxo de veículos era desviado pela Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito (STRANS), na tentativa de desarticular os atos, os grupos também se redistribuíam pelos cruzamentos de vias paralelas e perpendiculares, provocando novos bloqueios de uma maneira dinâmica. A configuração geográfica do centro favorecia os manifestantes. A Avenida Frei Serafim desemboca na ponte Juscelino Kubitschek, bastava ter gente suficiente para fechar o acesso à ponte que o trânsito já ficava prejudicado. Com mais uma mobilização no segundo dia consecutivo de atos, que se estendeu até as primeiras horas da noite, engarrafamentos quilométricos pararam todo o centro da capital.

Independente de alguma convocação formal de qualquer entidade, os manifestantes passaram a se concentrar na avenida Frei Serafim no horário das 12h, que coincidia com um maior fluxo de veículos, com pessoas se deslocando no intervalo do almoço, e também com a saída da escola dos estudantes secundaristas de instituições públicas e privadas, que engrossaram os atos. As pautas, que não estavam formalizadas, podiam ser identificadas pelos cartazes e gritos de ordem dos mobilizados. Além do recuo no reajuste da passagem, ganharam força as demandas por um sistema de integração entre as linhas de ônibus e pela auditoria da planilha de custos do transporte público, as faixas também pediam passe livre para estudantes, a saída do prefeito Elmano Ferrer, entre outras demandas difusas. A prefeitura encontrava dificuldades em identificar líderes para estabelecer uma negociação com o movimento, que a cada dia mobilizava mais gente. A Secretaria Municipal de Comunicação chegou a se manifestar para a imprensa local afirmando que não havia um grupo articulado para conversar com o prefeito. “Tentamos marcar uma reunião ontem, mas eles se negaram e até o momento não foi cogitado nenhuma conversa com o prefeito para resolver o problema”.¹³

Todos os manifestantes entrevistados afirmaram não serem capazes de apontar uma liderança para as mobilizações contra o aumento da passagem em Teresina. Em muitos casos, eles apontam que, quando havia alguma liderança, esta era temporária e sem poder de representação, uma liderança que não autorizava o manifestante a falar em nome de todo o movimento.

¹³ Terceiro dia dos atos contra o aumento da passagem em Teresina. Disponível em: <https://www.portalaz.com.br/noticia/cidades/226445/protestos-contr-o-aumento-da-passagem-chegam-ao-terceiro-dia>

Era pela situação (que a liderança se estabelecia), eu me destaquei porque fui eu que no primeiro dia, quando os partidos encerraram as manifestações, subi num carro e falei pra quem ainda estivesse indignado, como eu, que fossemos protestar dentro do sindicato das empresas, e a galera me seguiu, quando foi pra quebrar os ônibus, eu tive que jogar a primeira pedra [...] no segundo dia, não, já me lembro de uma menina com a farda do Liceu comandando ações com o grupo dela e a galera seguindo eles. O pessoal do partido tentava erigir lideranças, mas eles sempre tomavam um papel que para nós, era meio de covardia, então eles sempre perdiam na hora do confronto de ideias [...] na imprensa sempre tinha um ou outro se fazendo de líder, a gente ficava só sorrindo. (Sthênio, 2017)

Para um dos entrevistados, a ausência de lideranças, inclusive, era o que dava o caráter de imprevisibilidade ao movimento, contribuindo para o alcance dos objetivos da mobilização.

Os grupos participantes eram tão fragmentados que o movimento social tradicional fechava uma rua da Frei, um pessoal de história fechava outra rua da Frei, um pessoal de serviço social fechava a av. Maranhão, outro a ponte, tudo ao mesmo tempo. E era exatamente por não ter liderança e as coisas agirem de maneira meio caótica que a manifestação de 2011 deu certo. Não tinha como prever nada do que iria acontecer durante o dia. (Agostinho, 2017)

Importante destacar a desconfiança dos manifestantes entrevistados, que compunham o grupo de independentes, aos movimentos sociais tradicionais aglutinados em torno do Fórum em Defesa do Transporte Público, e que também compunham as manifestações contra o aumento da passagem, apesar de não deterem a liderança dos atos. Em muitos depoimentos, transparece a percepção de que a representação por sindicatos e partidos políticos prejudicaria a conquista dos objetivos.

Se você perguntasse para a maioria das pessoas que estavam na rua quem poderia negociar por elas, elas iam rir e dizer que só negociava se fosse com todo mundo. Ao menos era isso que eu ouvia delas. Esse negócio de representante em manifestação popular é a maneira mais simples de você detonar um movimento, você pode pegar qualquer pessoa, nomear líder e negociar com ela para ver se cola e os atos acabam. Os movimentos sociais organizados, infelizmente não têm como resistirem a tentação de representar as pessoas. Está no cerne da fundação deles essa missão messiânica, por isso na boa vontade acabam as vezes atrapalhando. (Agostinho, 2017)

Ao mesmo tempo, o apoio técnico proporcionado por esses movimentos tradicionais, como sindicatos e partidos, mais familiarizados com a organização de mobilizações e com o confronto com as instituições estabelecidas, também são reconhecidos como importantes para o desenrolar das manifestações.

Lembro que houve discussão sobre se tais organizações estavam sendo oportunistas ou não. Inclusive vimos uma reunião de pessoas de uma organização na sala do prefeito, negociando com eles. Na época (e ainda hoje) nós consideramos esse fato como uma traição. No mais, essas entidades ajudavam mais no apoio técnico, como disponibilizar carros de som, água, comida, até mesmo advogados/as, e isso foi muito bom. De certa forma, elas também tinham mais experiências com manifestações e eu, como secundarista, tentava me guiar um pouco por elas, porque não sabia como agir diante de algumas situações. (Jessi, 2017)

Ao descrever o que seria um movimento multitudinário – na forma da multidão - usando como exemplo as jornadas de junho no Brasil, Hardt, no prefácio de Cava e Cocco (2014), ressalta que estes movimentos não são dirigidos por partidos ou nem mesmo têm uma direção centralizada, nem comitê de liderança. São movimentos auto-organizados, conectados horizontalmente, não são unificados ou homogêneos, mas descobrem maneiras de troca comum e cooperação, apesar das diferenças, gerando diversas demandas e perspectivas agrupadas de luta. Neste contexto, o movimento contra o aumento da passagem em Teresina demonstra um caráter transitório. Ao mesmo tempo em que rechaça a representação por partidos políticos e outras entidades organizadas, ainda reconhece a relevância dessas entidades no processo de mobilização. Os partidos políticos e outras entidades organizadas participavam das ações do #contraoaumento, disputavam o protagonismo das mobilizações, mas não eram legitimados como líderes pelos próprios mobilizados, que não seguiam as suas determinações.

Na quarta-feira, terceiro dia de atos, um número ainda maior de pessoas se reuniu na avenida Frei Serafim para um novo dia de mobilização¹⁴. Não estão claras as razões e o presente trabalho não se propõe a responder esta questão, mas após a ofensiva no primeiro dia de mobilização, com balas de borracha, bombas

¹⁴ Atos contra o aumento da passagem chegam ao terceiro dia. Disponível em: http://www.portalaz.com.br/noticias/cidades/226445_protestos_contra_o_aumento_da_passagem_chegam_ao_terceiro_dia Em terceiro dia de protestos, estudantes querem bloquear ponte da Frei Serafim. Disponível em: <http://www.portalodia.com/noticias/politica/contra-o-aumento-em-3o-dia-de-protestos-estudantes-querem-bloquear-ponte-da-frei-serafim-117424.html>

de gás e spray de pimenta, atuação que gerou revolta nas redes sociais, a polícia militar passou a acompanhar o movimento à distância, interferindo somente quando havia depredação de ônibus ou de veículos particulares e, ocasionalmente, avançando sobre grupos menores que se desgarravam das concentrações maiores e se tornavam alvo fácil da ação policial. É importante frisar que a Polícia Militar do Piauí não estava familiarizada com o controle de mobilizações de grande porte, já que estas não eram comuns na cidade.

Eles [a polícia] eram extremamente despreparados, tanto que na quinta-feira, nós fazíamos o que bem entendíamos nas ruas, sendo que a polícia teoricamente deveria saber lidar com grandes contingentes então era uma situação de morde e assopra. Eles vinham espancavam alguém, jogava spray e a multidão botava eles para correr. (Sthênio, 2017)

A quinta-feira, quarto dia de mobilização, foi o dia mais intenso. Uma comissão de representantes do movimento contra o aumento da passagem foi montada de improviso para participar de uma reunião com o prefeito Elmano Ferrer. Enquanto as discussões aconteciam, um enorme aglomerado de pessoas esperava pela definição na porta da prefeitura. Quando foi anunciado que não haveria recuo no reajuste, os manifestantes se espalharam por todo o centro da cidade. Parte do grupo seguiu bloqueando avenidas, pacificamente, mas outra parte partiu para o confronto direto, atacando ônibus com pedras e pedaços de pau. Neste quarto dia, já havia gente suficiente para não só bloquear o acesso à Ponte Juscelino Kubitschek como também o de outras pontes próximas, como a do Sesquicentenário, também conhecida como Ponte Estaiada, e a Ponte da Primavera. Um ônibus foi carbonizado na zona Leste da cidade, ocorrência que fez com que o SETUT justificasse a retirada imediata de toda a frota de ônibus de circulação, por volta das 18h daquele dia, deixando a população de 250 mil passageiros diários sem alternativa para chegar em casa após o trabalho.¹⁵ Nesse dia, inúmeras pessoas tiveram que fazer o caminho de volta para casa a pé, já que os ônibus são praticamente a única opção de transporte público em Teresina.

Na manhã da sexta-feira, a estimativa era de que a concentração para a mobilização desse dia 2 de setembro já reunia 30 mil pessoas. Diante da pressão da

¹⁵ Quarto dia de atos contra o aumento das passagens. Disponível em: <http://www.portalodia.com/noticias/piaui/em-4o-dia-de-protestos-estudantes-fecham-mais-uma-vez-frei-serafim-e-vias-de-acesso-117549.html>

população e da ampliação progressiva dos atos, o prefeito Elmano Ferrer decidiu, no quinto dia consecutivo de mobilização, recuar do reajuste, suspende¹⁶ a alteração no valor, e propor também um plano para integração das linhas de ônibus da capital piauiense¹⁶. Trata-se de um recuo nunca antes alcançado por movimentos organizados em favor do transporte público em Teresina.

4. Liderança e Mobilização em rede no #contraoamento: apontamentos sobre um protagonismo rizomático

A partir da narrativa dos manifestantes é possível chegar a algumas considerações sobre as mobilizações contra o aumento da passagem de ônibus em Teresina e sua vinculação com os conceitos de movimentos multitudinários de Hardt e Negri e movimentos de resistência em rede de Castells. Nos parece que o movimento #contraoamento apresenta um hibridismo, com traços de movimentos característicos da era industrial, mas forte vinculação com a Internet e a estruturação em rede dos movimentos de resistência que emergem na sociedade da informação e domínio da produção pós-fordista.

No que diz respeito à liderança do movimento #ContraoAumento, trata-se de aspecto que reforça a percepção de um caráter transitório e híbrido das mobilizações em Teresina. A princípio, os atos contra o aumento da passagem na capital do Piauí foram convocados por movimentos sociais tradicionais, representados em partidos políticos, entidades estudantis e sindicatos organizados em torno do Fórum em Defesa do Transporte Público. No entanto, no momento em que, no primeiro dia de atos, um estudante puxa o microfone e, indo contra a determinação do Fórum, que havia encerrado a mobilização por aquele dia, convida os presentes a prosseguirem com a manifestação, decisão que vai culminar na repressão policial e posterior viralização nas redes sociais, identificamos um ponto de ruptura. A partir de então, o Fórum em Defesa do Transporte Público perde o papel de líder das mobilizações, tornando-se apenas mais um nó na rede de agentes participantes, sem legitimidade para representar ou conduzir o movimento, que busca a auto-organização de maneira horizontal, um formato que

16 No quinto dia de mobilizações, estudantes conseguem suspender reajuste da passagem. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2011/09/02/apos-5-dias-de-protestos-e-30-onibus-destruidos-reajuste-das-passagens-e-suspenso-em-teresina.htm>

dialoga com o conceito de multidão proposto por Hardt e Negri.

Vemos assim a emergência de um protagonismo na rede que pode ser caracterizado pela:

[...] efemeridade do destaque em um grupo ou movimento social, pode atuar em um determinado momento como uma liderança aglutinadora de ideias e ações, mas em outros não, a depender da conjuntura e das estratégias estabelecidas. O protagonista se diferencia da liderança em rede, à medida que ele não atua como porta-voz dos setores sociais, mas exerce uma atividade fundamental na organização, articulação e mobilização usando as redes digitais e, principalmente, mantendo uma presença constante nos debates off-line (SEGURADO; BACHINI; CHICARINO, 2015, p. 20 e 21).

Ainda assim, representantes de partidos políticos tentam manter o protagonismo dentro do movimento #ContraoAumento e, de certa forma, tratar os estudantes como massa, reduzindo suas singularidades e estabelecendo uma voz de comando, mas são ignorados pelos manifestantes, que seguem com o movimento de forma independente, como nos reforça o depoimento de um dos mobilizados:

Em geral era a galera dos partidos (que negociava com a Prefeitura), e pra gente era esse o papel deles, conversar, negociar, aparecer na televisão, ótimo porque o movimento em si, não era atingido, porque nessas horas as autoridades usam esses espaços pra querer colocar medo, fazer nós recuarmos. Lembro de uma reunião com o Ministério Público que o objetivo claro era fazer a gente liberar a avenida, nós fomos lá, o pessoal do partido subiu pra negociar e nós voltamos pra Frei Serafim, nem aí pra reunião. (Sthênio, 2017)

27

Ainda dentro desse caráter transitório, as pautas do movimento contra o aumento da passagem em Teresina tratam do direito à cidade, ao comum, mas se mantêm concentradas especificamente na redução do valor da passagem e na promoção de um transporte público de melhor qualidade para a população, sem extravasar para uma demanda mais abrangente, com diversidade de pautas que expressam uma democracia mais ampla, apesar do movimento se estruturar internamente dentro dessa perspectiva democrática.

Válido reforçar também que mesmo sem liderar os movimentos, os partidos ainda gozam de relativo respeito dos mobilizados de Teresina, que reconhecem a importância da experiência dessas instâncias nas negociações com o poder público e recorrem a sua infraestrutura, incluindo rede de advogados, quando necessário.

No que diz respeito à Internet e mobilização em rede é evidente que os sites de redes sociais têm papel fundamental na evolução das mobilizações contra o aumento da passagem em Teresina. Não só por seu caráter aglutinador, ao possibilitar que a repressão policial viralizasse nas redes sociais, ampliando o alcance da mensagem e o número de mobilizados, mas por possibilitar uma ruptura com o controle da comunicação mantido pela mídia tradicional e as estruturas de poder que a sustentam.

Como se sabe, a comunicação de cima para baixo, controlada por empresas e governos, tem papel fundamental para a manutenção das estruturas de poder. Castells (2015) afirma que o poder depende do controle da comunicação, assim como o contrapoder depende do rompimento desse controle. Neste raciocínio, o poder vem das instituições, enquanto que o contrapoder vem da sociedade civil. Com a Internet, temos uma nova possibilidade de autonomia comunicativa para os movimentos sociais que surgem na sociedade, um espaço de troca de informações que governo e as corporações encontram muito mais dificuldades para controlar.

No caso de Teresina, todos os entrevistados afirmam que a mídia tradicional, impressa e televisiva, desempenhava um papel inicial de oposição à mobilização, uma narrativa que pôde ser confrontada por meio dos discursos compartilhados nos sites de redes sociais, tanto que, a cada dia mais pessoas se reuniam para os atos, independente da cobertura midiática desfavorável realizada no dia anterior.

[Os veículos da mídia] começaram falando que éramos vagabundos, baderneiros e esses outros adjetivos de sempre quando algo almeja movimentar nem que minimamente o status quo. A ação do Choque era sempre relatada como “conflito”, como se estudantes pudessem brigar em igualdade com a PM. Depois que a manifestação foi “bem-sucedida”, quando começou a ter presente milhares e milhares de pessoas, muitas dessas matérias dos sites foram retiradas do ar, mas ao menos o impresso não pode ser apagado e fica de registro da vergonha alheia da mídia piauiense. (Agostinho, 2017)

A Internet tem um papel importante para a estruturação de todo o movimento de mobilização em rede. Uma das características dos movimentos que surgem na sociedade pós-fordista é que eles não só utilizam as ferramentas possibilitadas pelas novas tecnologias como a Internet para se comunicar, como também se estruturam a partir do modelo em rede da própria Internet, espelhando uma forma de organização descentralizada. Conforme destacam Hardt e Negri

(2005) a estrutura em rede dos movimentos constitui um modelo de organização democrático, que reverbera as formas dominantes de produção econômica e social – cooperativas, colaborativas, afetivas – tornando-se uma arma contra a estrutura vigente de poder.

Importante neste ponto destacar também o que Castells (2015) chama de espaço de autonomia. Para o autor, os movimentos sociais em rede começam na Internet e nas redes móveis, mas também se articulam no espaço público urbano, nas áreas ocupadas e edifícios simbólicos que são alvos das manifestações. Há uma constante interação entre fluxos de comunicação na web e o uso do espaço público, configurando a formação de um espaço híbrido chamado pelo autor de espaço de autonomia. No caso das mobilizações em Teresina esta dinâmica se apresenta de forma cristalina, com as ocupações diárias na avenida Frei Serafim e arredores coordenadas por meio da comunicação online, mensagens aglutinadas em torno de hashtags compartilhadas pelos participantes do movimento em redes sociais, especialmente o Twitter.

Repercussões do #ContraoAumento

29

Logo após o recuo no aumento da passagem, após as mobilizações em 2011, a Prefeitura de Teresina também anunciou um planejamento para criar um sistema de integração entre as linhas de ônibus da capital. O sistema foi implementado em poucos meses, mas gerou críticas dos usuários: a segunda passagem não era gratuita, sendo cobrada no valor de metade da tarifa e nem todas as linhas foram integradas. Além disso, o tempo de validade da integração era de apenas uma hora, sem contemplar usuários que faziam trajetos mais longos. Em janeiro de 2012, época de férias escolares, a prefeitura voltou a promover o reajuste da passagem para R\$ 2,10. Novas mobilizações foram convocadas pela Internet e pararam o trânsito na avenida Frei Serafim por nove dias seguidos, mas foram desmobilizadas pela ação da polícia, que chegou a prender 17 manifestantes. No #ContraoAumento de 2012 não houve recuo no reajuste, mas foram conquistadas melhorias no sistema de integração, como a gratuidade da segunda passagem. A auditoria da planilha de gastos com o transporte público da cidade nunca aconteceu e, no início de 2017, a passagem de ônibus da capital piauiense teve reajuste de 20%, alcançando o valor de R\$ 3,30. Importante pontuar que, desde as mobilizações ocorridas em 2011, majoritariamente compostas por estudantes

universitários e secundaristas, o valor da tarifa estudantil está congelado em R\$ 1,05.

Nos discursos dos manifestantes que participaram do movimento em 2011, destaca-se a percepção de que o transporte público da cidade ainda acumula muitos problemas e que as mobilizações #contraoaumento não conseguiram alterar as estruturas que dão sustentação ao modelo de transporte público na capital.

Para mim continua a mesma coisa. Tem a tal integração mas nunca consegui usar porque não faz nem sentido pra mim, mesmo pegando dois ônibus para ir a algum lugar nas rotas que faço não tenho direito a integração. E os empresários continuam achando que participar de um serviço essencial com capital privado é o mesmo que ter lucro garantido, sem oferecer nem mesmo qualquer diferencial de qualidade [...] Enfim, a situação continua precária e eu não tenho qualquer ilusão de que vá mudar. (Agostinho, 2017)

Não está muito diferente. Só agora os ônibus estão começando a receber ar-condicionado, por exemplo. Mas ainda são pouquíssimos. A frota continua precisando aumentar pra acompanhar a demanda da população, a passagem continua com um preço muito caro (bem mais caro que o de 2011, por sinal), os estudantes e desempregados continuam sem o passe livre, motoristas e cobradores trabalham em condições precárias (ônibus superlotados e com o calor piora, fora os assaltos). (Jessi, 2017)

Como afirma Castells (2015) onde existe poder, quase sempre incorporado às instituições, há também um contrapoder vindo da sociedade civil e de atores sociais que não veem seus interesses e valores incorporados à lógica de representação, e se a um passo o poder governa em sua manutenção, o contrapoder luta na chave da mudança, assim:

Os conflitos nunca terminam; eles simplesmente pausam por meio de acordos temporários e contratos instáveis que são transformados em instituições de dominação por aqueles atores sociais que conseguem uma posição vantajosa na luta pelo poder, por vezes a custo de permitir algum grau de representação institucional para a pluralidade de interesses e valores que permanecem subordinados (CASTELLS, 2015, p. 60 e 61).

E é a partir dessa condição estruturante que a mudança é operada, dessa forma, mesmo conquistando apoio social e até mesmo algumas melhorias no transporte público, impulsionado pelas novas possibilidades de comunicação e alcance de

mentas ofertadas pela Internet, o movimento de resistência #contraoaumento foi neutralizado pelo poder hegemônico, representado, no caso concreto, pela Prefeitura Municipal e o SETUT.

A dificuldade dos movimentos em rede para promover a transformação vai ao encontro do hibridismo, que nomeamos de caráter transitório, e que está localizado diacronicamente na dicotomia temporal entre o velho e o novo (GOHN; BRINGEL, 2014) ou naquilo que Bauman (2011) por meio de uma inspiração gramsciana chamou de momento de interregno, quando as velhas maneiras de agir e pensar não funcionam mais na sincronicidade do presente, mas as soluções, as novas formas não estão acabadas, estão em linguagem deleuziana em um devir em disputa, assim, considerar essa temporalidade estrutural se faz premente e pode nos ajudar a compreender as relações entre os diferentes protestos e o protagonismo rizomático que os perpassa.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Entrevista**. In: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,a-face-humana-da-sociologia-imp-,712848>. Acesso: jun. 2017

BROWN, Nicholas; SZEMAN, Imre. O que é a multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 75, p. 93-108, Julho 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200007&lng=en&nrm=isso Acesso em:

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - Volume I: A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra Tradução de Roneide Venancio Majer. 1999.

_____. **A Galáxia da Internet**. Ed Zahar, 2003.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **O Poder da Comunicação**. Tradução: Vera Lúcia Mello Joscelyne. 1ª Edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CAVA, Bruno e COCCO, Giuseppe (org.). **Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou**; 1a ed.; Annablume; São Paulo; 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Por que precisamos de outra democracia?** 2011. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniaio/17367/por+que+precisamos+d e+outra+democracia.shtml>

MALINI, Fabio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua - ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

NEGRI, Antonio. Para uma definição ontológica da multidão. **Lugar Comum**. 2004; (19/20):15-26

SEGURADO, Rosemary; BACHINI, Natasha; CHICARINO, Tathiana. Podemos: a relação entre partido e movimento e entre liderança e protagonismo. **Anais 39 Encontro Anual da Anpocs**. Caxambú, 2015. In: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt04>